

PC DO B PROPÕE UNIÃO CONTRA AS MANOBRAS GOLPISTAS

Em documento da Direção nacional, o partido analisa a complexa situação do país alertando para a defesa do regime democrático. Pág. 3

EDITORIAL

Mandato polêmico

Com o início dos trabalhos das comissões constituintes, reaparecem com força as pressões e contra-pressões em torno da duração do mandato do presidente da República.

Uns afirmam que esta questão está condicionada aos resultados da política econômica em vigor - em especial às negociações com os banqueiros internacionais sobre a moratória. Outros se pronunciam pela manutenção dos seis anos estabelecidos pelo regime militar. O presidente da Assembléia Legislativa de Minas Gerais, por sua vez, pediu a imediata exoneração de José Sarney.

O próprio presidente tem insistido numa definição rápida do assunto. Argumenta que a instabilidade cria um clima desfavorável às decisões que precisa tomar visando a recuperação econômica do país.

Na verdade, todo este açodamento tem por base interesses menores. Relaciona-se muitas vezes, inclusive, com coisas bem mesquinhas como cargos e favores do governo. Esconde também a defesa de privilégios dos que estão em postos de destaque e pretendem prolongar a duração de uma administração que já não tem o que dar à nação.

Mas esta pressa diz respeito sobretudo à elaboração da nova Carta Magna. Em primeiro lugar pode ser uma forma de desviar a atenção das questões fundamentais para um tema menos importante mas que facilmente polariza as preocupações de um grande número de políticos. Depois, é uma tentativa camuflada de empurrar goela abaixo da Constituinte a manutenção do sistema presidencialista de governo.

O presidente vai continuar centralizando em suas mãos amplos poderes, que o colocam acima do Legislativo e do Judiciário, como acontece no presidencialismo em vigor? Vai continuar com o direito de governar através de decretos-leis, como faziam os

generais e como continua a fazer a Nova República? Ou o Executivo vai compartilhar as decisões com o Legislativo através da formação de um governo de co-responsabilidade, como preconizam os comunistas e outras correntes progressistas?

Fica evidente que o tempo de duração do mandato subordinasse necessariamente às funções que a Constituinte aprovar para o presidente.

Os militares também se interessam em colocar o mandato presidencial em cheque, embora indiretamente. Utilizam isto como uma forma de obter maiores concessões e avançar na tutela do governo. Nas articulações golpistas, certamente que este é um ponto importante.

Por outro lado, existem os que equivocadamente levantam a idéia de eleições diretas-já. Utilizam esta consigna, que teve imenso respaldo popular, num momento impróprio. Aos que fazem oposição ao governo compete criar uma alternativa de poder com a união e mobilização dos trabalhadores e democratas e não simplesmente repetir fórmulas como se fossem varinhas de condão. Intencionalmente ou não, desviam também a luta política de seu eixo central, que é a Constituinte. E podem levar água para o moinho dos que conspiram contra a democracia.

Este quadro complexo, em torno de uma questão que parece tão simples como a do mandato, revela a enorme responsabilidade das forças progressistas. Não bastam bons propósitos. Não basta também boa vontade para se articular contra os conservadores. É necessário ter sagacidade para não cair nas armadilhas da direita e para não se deixar distrair com aspectos imediatos enquanto os assuntos de fundo passam ao largo. O povo reclama um novo sistema de governo. Só depois disto resolvido é que se pode fixar o tempo de permanência do presidente no Planalto.



Fotos: Aliton S. Leite

Pressão das bases exige renovação no Sindicato

SP: Novidade na eleição metalúrgica

Veja como os setores mais consequentes da CGT e CUT se unem, combatem pelegos e divisionistas, e conquistam apoio da base. Pág. 8

Os comunistas obtêm registro provisório

Foi reconhecido o registro provisório do PC do B, no último dia 7. A decisão do Tribunal Superior Eleitoral foi tomada por unanimidade. Trata-se do segundo partido a conseguir o registro depois das eleições. Pág. 3

Um novo jornal

Caros leitores: devido aos feriados da Semana Santa e de Tiradentes, a TO não circulará na próxima semana. Na edição 309 publicaremos um número experimental do novo jornal com as modificações já discutidas até o momento. Contamos com a colaboração dos amigos enviando críticas e sugestões a respeito desta edição especial.

Novas pressões dos banqueiros contra o Brasil

A reunião conjunta do Comitê Interino e de Desenvolvimento do FMI e do Banco Mundial confirmou o impasse na renegociação da dívida externa brasileira. Pág. 4

O desembarque na estação do antimarxismo

Por vários meses nas listas dos livros mais vendidos, "Rumo à Estação Finlândia" de Edmund Wilson, trilha o caminho sinuoso do combate a Marx, Engels e Lênin. Pág. 5

O Chile que o papa não viu e nem quis ver

A polícia de Pinochet atacou os chilenos até durante a missa de João Paulo II em o papa não respondeu aos clamores do povo. Pág. 2





Haroldo Lima: desarmando esquemas da direita

CONSTITUINTE

Disputa acirrada

A Constituinte vivia, no último dia 7, o clima agitado que caracterizou o início do funcionamento das comissões e subcomissões temáticas quando o deputado Haroldo Lima dirigiu-se ao microfone de apertes e endereçou à Presidência, em nome da liderança do PC do B, uma pergunta embaraçosa. Haroldo queria saber de Ulysses em que comissão, exatamente, seria discutido o papel que a nova Constituição reservará às Forças Armadas. Lembrou que a praxe determina que o assunto seja abordado no capítulo que trata da Organização dos Poderes e Sistema de Governo. Mas acrescentou que corriam rumores na Assembléia segundo os quais, estranhamente, a Comissão de Organização Eleitoral, Partidária e Garantia das Instituições seria encarregada de elaborar anteprojeto para o tema.

A resposta de Ulysses surpreendeu, de certa forma, o plenário. Além de afirmar que considerava "precedente" a questão levantada por Haroldo, ele garantiu que já vinha se preocupando com o problema, e solicitou tempo para proferir a resposta. Ao agir dessa forma, *reabriu* uma questão que, na prática, já se considerava superada, pois, mais do que os "rumores" a que Haroldo Lima espertamente se referia, havia já a certeza de que o papel das Forças Armadas seria incluído no item "garantia das instituições".

Ao fechar esta edição, o deputado comunista ainda não tinha recebido sua resposta. Mas se conseguir que seja respeitada a praxe das Constituições anteriores terá contribuído para desarmar um importante esquema que a direita preparou para fazer valer suas posições já na fase inicial da Constituinte. Com efeito, a Comissão de Organização Eleitoral, Partidária e Garantia das Instituições é presidida por Jarbas Pas-

sarinho, um defensor histórico do militarismo, e tem como relator Prisco Vianna, um homem de idéias conservadoras que militou nas hostes malufistas e hoje está no PMDB. Ainda pior: a subcomissão de Defesa do Estado e da Sociedade, na qual o tema seria mais especificamente debatido, tem como relator o ultradireitista Ricardo Fiúza. Já o relator da Comissão de Sistema de Governo é Egidio Ferreira Lima, que mantém posições progressistas.

Embora de importância vital, pode-se dizer que a questão de ordem levantada por Haroldo Lima foi apenas *um lance* da autêntica guerra de posições que progressistas e conservadores travaram para ocupar os cargos mais importantes nas comissões e subcomissões temáticas. Entrevistado pela *Tribuna*, o próprio Haroldo considerou que os progressistas conquistaram "alguns êxitos" nessa batalha, ao ocuparem um número importante de *relatorias* - uma função, aliás, mais importante que a de presidente. Ressaltou, porém, que houve ao mesmo tempo uma tendência a que quase todas as indicações fossem feitas, com exclusivismo, pela bancada do PMDB, o que foi criticado publicamente por parlamentares comunistas.

Bem mais importante e efetiva que as articulações de bastidores, no entanto, continua sendo a pressão popular sobre os trabalhos da Assembléia. Haroldo fez questão de ressaltar a importância das entidades populares enviarem com urgência sugestões de propostas à Constituinte. O regimento *exige* que essas sugestões sejam debatidas nas subcomissões temáticas, mas estabelece que o prazo para enviá-las expira em 24 de abril. As entidades podem também solicitar aos membros das subcomissões temáticas que sejam *ouvidas* nas sessões públicas destinadas a este fim.

Nota do PC do B

Acerca das ameaças golpistas

A Direção Nacional do Partido Comunista do Brasil (PC do B) distribuiu nota à imprensa, no último dia 8, analisando a complexa situação política do país e a atividade golpista. Com intertítulos da redação da TO, publicamos abaixo a íntegra do documento.

Nestas últimas semanas ganhou maior dimensão a campanha propagandística de novo golpe militar. A grande imprensa e canais de televisão pregam, sob diversas formas, a alteração da ordem democrática. O "New York Times", em editoriais, anuncia a preparação e a iminência do golpe. Generais saudosistas da época da ditadura e oficiais da ativa fazem declarações ameaçadoras. Organizações de latifundiários, de grandes empresários e banqueiros sopram na mesma direção. Esta campanha exacerbou-se principalmente depois da suspensão parcial do pagamento dos juros da dívida externa. Está em sintonia com a guerra econômico-financeira que o capital estrangeiro e o governo norte-americano movem contra nosso país, visando forçar o Brasil a capitular totalmente às suas exigências de espoliadores, contrárias aos interesses nacionais.

A situação é favorável à campanha dos golpistas

A campanha golpista encontra ambiente propício na situação que atravessa o país. A inflação acelerada determina enorme descontentamento em todos os setores da população. A brusca e violenta subida dos preços dos artigos de consumo, dos transportes e dos alugueis, a carga pesada de impostos, em especial do imposto de renda que recai sobre os assalariados e a classe média, bem como as altíssimas taxas de juros provocam profundo mal-estar social. As pequenas e médias empresas, os produtores de menores recursos vão à falência. Os salários e vencimentos dos trabalhadores e servidores públicos estão completamente defasados face ao encarecimento do custo de vida. A maioria dos Estados e Municípios não têm meios nem sequer para pagar o funcionalismo.

Enquanto isto, os militares, com o apoio e a complacência do governo, voltam à cena política, agressivos, prepotentes e arrogantes como sempre. Intervêm no processo político em curso, pressionando e chantageando com o fim de impedir o avanço democrático e a elaboração de uma Carta Magna democrática e progres-



Comunistas pregam unidade dos democratas contra a ofensiva militarista

sista. Afrontando a sociedade civil, ocupam portos e refinarias de petróleo numa autêntica operação de guerra para reprimir o direito de greve. Torturadores e assassinos de presos políticos são promovidos e elogiados pelo ministro do Exército. As Forças Armadas insistem em garantir na Constituição o papel que elas mesmas se atribuem de defensoras da ordem interna, ou seja, de repressoras do movimento democrático e patriótico e de juizes da conduta de governos constituídos.

O governo acomoda-se numa posição vacilante

O presidente Sarney, embora tenha suspenso parcialmente o pagamento dos juros da dívida externa, acomoda-se numa posição vacilante e inconseqüente diante das pressões e das manobras do capital estrangeiro e do governo dos Estados Unidos. Persiste no "combate" à inflação às custas dos assalariados em geral e das massas populares. Escusa-se de taxar fortemente os lucros excessivos dos banqueiros e das multinacionais, faz concessões de toda ordem aos grandes empresários e fazendeiros. As preocupações maiores do governo e das Forças Armadas que o sustentam são conter o movimento democrático e as lutas do povo por suas reivindicações e direitos.

Tal situação favorece a eclosão de golpes militares, abertos ou camuflados. Ainda que não se apresente como imediato, o golpe

é séria ameaça na medida em que se agrava a situação econômica do país e que aumente a falta de confiança e credibilidade do governo.

O povo brasileiro e as forças democráticas e progressistas precisam manter ativa vigilância contra o golpe, venha de onde vier. Essa vigilância implica em denunciar todas as manifestações golpistas, em combater as manobras reacionárias para impor ao país uma Constituição conservadora, atrasada, contentora das modificações que se impõem para adequar a superestrutura política à realidade atual. Implica também em apoiar e desenvolver amplo movimento unitário que mobilize a nação para derrotar em todos os terrenos as forças retrógradas, a direita ultra-conservadora que se organiza e atua desabridamente, o militarismo que conspira contra a liberdade e os regimes democráticos. Não se pode tolerar nenhum retrocesso político, não se pode admitir qualquer violência contra o povo e a democracia. Nem silenciar ante a trama do capital estrangeiro que procura submeter e dominar completamente a nossa pátria.

No que se refere ao poder, que concentra as atenções de amplos setores político e sociais, convém não precipitar desnecessariamente os acontecimentos. O povo deseja sem dúvida alguma um novo governo que represente as correntes progressistas, com autenticidade e apoio suficientes para realizar as mudanças de profundidade exigidas pela maioria da nação. Seria falso, porém, pugnar por eleições diretas já. Dentro da conjuntura que se apresenta, essa palavra-de-ordem não contribuiria para unificar as forças demo-

cráticas, desviaria o centro da luta pela Constituinte progressista e ajudaria indiretamente os golpistas. Quando muito, se exitosa, trocaria Sarney por outro Sarney, talvez pior. De nenhum modo se justifica igualmente a fixação antecipada do mandato do presidente. Essa questão depende do sistema do governo a ser fixado pela Constituinte. As artimanhas visando estabelecer *a priori* um mandato de 5 ou 6 anos, sob a alegação de reforçar as negociações da dívida externa, escondem na realidade a tentativa de prolongar a vida de um governo que esgotou sua função. O mandato do presidente terá de ser fixado pela Constituinte, não deverá ultrapassar 4 anos.

Em caso de um vazio de poder a Constituinte é que decide

Somente no caso de grave crise política envolvendo o governo e criando um vazio de poder, caberia à Constituinte convocar eleições diretas em curto prazo com o objetivo de salvaguardar o regime democrático.

O Partido Comunista do Brasil, que jamais arriou a bandeira da luta pela liberdade e pela independência nacional, por um governo democrático e popular, está atento às articulações golpistas de qualquer natureza. Junta-se a todas as correntes políticas no combate à reação e ao conservadorismo reacionário, em defesa de um regime efetivamente democrático.

Liberdade Partidária

PC do B obtém registro legal no TSE

O Partido Comunista do Brasil obteve, no último dia 7, o registro legal provisório na Justiça Eleitoral. A decisão foi tomada por unanimidade pelos juizes do Tribunal Superior Eleitoral, acompanhando o voto favorável do ministro-relator, Roberto Rosas.

A lei em vigor, herança da ditadura militar, exige que os partidos políticos tenham Comissões Diretoras Regionais em pelo menos nove Estados e que, nestes Estados, organizem Comissões Municipais em pelo menos 20% dos municípios. Dos chamados

pequenos partidos, até o momento, apenas o PC do B e o PL conseguiram o registro.

DEVE MUDAR

A partir de agora, pela lei atual, o partido tem um ano para filiar um determinado número de pessoas, proporcional ao número de eleitores em cada um dos municípios e realizar convenções municipais, regionais e nacional, para obter o registro definitivo. Evidentemente que a Constituinte deve modificar esta situação estabelecendo condições democráticas para a livre organização

partidária. Mas a própria conquista do registro provisório neste momento tem enorme importância, fortalecendo o impulso em favor de uma Carta Magna progressista. E, de imediato, evita a exdrúxula situação de um partido sem reconhecimento legal mas com uma bancada parlamentar eleita e atuando oficialmente na Constituinte.

A luta pela legalidade do PC do B e de todas as organizações atravessou, neste período mais recente, diversas fases. Ainda durante a ditadura, no governo Figueiredo, mobilizações de massas foram realizadas em todo o Brasil, contando com entusiástico apoio dos trabalhadores e democratas. Além disto, ousadamente, nos comícios das diretas, os comunistas saíram às ruas com suas bandeiras vermelhas, impondo aos generais, de fato, a presença atuante do partido.

Com a derrota da ditadura, uma emenda constitucional abriu a possibilidade de legalização dos partidos até então proscritos. Mas como o Congresso não aprovou uma nova lei a respeito, as forças democráticas obtiveram uma "habilitação provisória" para que as diversas correntes pudessem participar do pleito municipal de 1985.

Mas o conservadorismo persistiu em protelar a nova legislação e nas eleições de 1986, novamente o PC do B e outros partidos puderam concorrer com legenda própria devido a uma outra habilitação provisória. Desde 15 de novembro passado o partido estava portanto sem reconhecimento legal. Foi necessário então um novo pedido de registro provisório no TSE, que agora foi deferido.

LIBERDADE PARTIDÁRIA

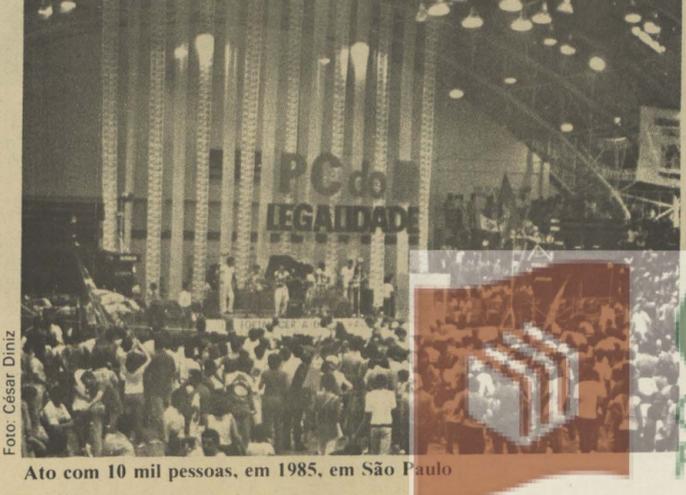
Na Constituinte, o PC do B defenderá que "é plenamente assegurada a liberdade de organização partidária a nível nacional" e que "os partidos políticos serão constituídos legalmente segundo as tendências políticas ou ideológicas de seus aderentes afirmadas em declaração programática". Os comunistas lutarão ainda para que "a forma de organização e de funcionamento dos partidos políticos, contidas em seus estatutos, é definida pelos órgãos soberanos de cada partido. Nenhuma lei poderá estabelecer normas de interferência na vida interna dos partidos". Estas idéias constam do documento "Propostas para a Constituinte", aprovado pela direção do partido e amplamente discutido por seus candidatos e militantes na campanha eleitoral.

Não ao militarismo

No dia 8 de abril o deputado Haroldo Lima apresentou ao plenário da Constituinte um conjunto de projetos contra o militarismo: 1. As Forças Armadas destinam-se **exclusivamente** à defesa militar da Pátria contra a agressão **externa**, e a assegurar a integridade do território nacional. A função de "defender a lei e a ordem" é **eliminada**. 2. É criado o Ministério da Defesa, **substituindo** os Ministérios do Exército, Marinha e Aeronáutica. O EMFA e a Casa Militar **perdem** "status" de Ministério. 3. **Extingue-se** o SNI. 4. Todos os generais de Exército, almirantes de esquadra e brigadeiros do ar passam a ser nomeados pelo Presidente **após aprovação do Congresso**. 5. Estabelece-se **total obediência** das F. Armadas ao Presidente.

Anita Garibaldi tem novo endereço

Comunicamos aos nossos clientes e amigos nosso novo endereço, onde funcionam o serviço de reembolso postal e as redações do jornal "A Classe Operária" e da revista "Princípios".
Rua Bororós, 51 - 3º andar - CEP 01320. Telefone: (011) 279.3646



Ato com 10 mil pessoas, em 1985, em São Paulo

Foto: César Diniz

DÍVIDA EXTERNA

Cartas marcadas

A reunião conjunta do Comitê Interino e de Desenvolvimento do FMI e Banco Mundial, realizada na semana passada em Washington, confirmou o quadro de impasse da renegociação da dívida externa brasileira. Os banqueiros intensificaram as pressões para que o governo Sarney elabore um programa econômico de acordo com seus

interesses, exigência a que vincularam uma outra, cada dia levantada com maior desenvoltura: queda do ministro Dilson Funaro, demasiadamente atrevido na visão dos credores.

Demonstrando, como é praxe, uma imperturbável arrogância, os senhores das finanças mundiais têm lembrado, com frequência, a demissão do ministro da

Economia da Argentina, Bernardo Crispun, em 1985, depois que este insistiu na ousadia de desafiar técnicos do FMI.

FECHANDO AS PORTAS

E, enquanto fazem as apostas, dão continuidade ao extenuante jogo de pressões e chantagens, fechando uma a uma as portas da negociação, pelo menos nos termos pretendidos pelo governo brasileiro.

Quase todos os bancos americanos - seguindo a orientação do Federal Reserve (FED, o Banco Central dos EUA) que reclassificou o Brasil como devedor "abaixo do padrão" - passaram a contabilizar seus créditos no nosso país na "base de caixa" - o que significa que os juros não serão contados como lucros enquanto não forem recebidos.

Os banqueiros poderiam esperar 90 dias desde a suspensão do pagamento da dívida em 20 de fevereiro para recorrer a esta medida, que significa a previsão de expressivos prejuízos. Os créditos dos bancos ianques no Brasil chegam a 24.254 bilhões de dólares. Somente o Citicorp (maior credor, com empréstimos superiores a 4 bilhões de dólares), que deverá oficializar sua posição a respeito na terça-feira, contabilizaria perda de quase 200 milhões de dólares durante todo o ano.

Seria de fato inacreditável se os senhores das finanças mundiais estivessem renunciando aos lucros, mesmo que para ir ao confronto. Mas não é isto. Eles jogam, e duro, com a própria vacilação do governo Sarney, confiando que este, como propagou aos quatro ventos, continua disposto a "honrar os compromissos" e reivindicar apenas melhores condições de pagamento. É a negociação dessas condições que está em questão.

Os banqueiros não abrem mão do baralho. Admitem ceder em alguns pontos, inclusive no refinanciamento de alguns bilhões de dólares, como quer o presidente. Desde que a economia se ajuste conforme um plano "consistente". Ainda que sem acordo e o monitoramento formal do FMI, que seja ao modo do Fundo, compreendendo recessão, redução dos salários reais e, conseqüentemente, do consumo, ao lado do estímulo às exportações. Conforme disse um credor americano, são as regras do jogo. De cartas marcadas.



Funaro nos EUA. Os banqueiros querem alguém mais dócil

Solução antinacional

O Bank of Montreal, do Canadá, comunicou ao Banco Central do Brasil a disposição de converter 100 milhões de dólares dos seus débitos no país em capital a ser aplicado em ações. O governo Sarney reagiu com euforia. Trata-se, afinal, de uma das soluções aventadas na renegociação com os banqueiros. Mas interessa ao povo?

A capitalização significa a transformação de uma parcela da dívida em investimentos diretos na economia. Desta forma, não seria necessário pagar os juros correspondentes à quantia transformada em capital. É este alívio imediato dos encargos do endividamento que a atual equipe econômica tem em mente.

Porém, a conseqüên-

cia, também imediata, do processo é a intensificação da desnacionalização da economia. Pegando o exemplo do Montreal, o banco canadense passaria a dispor de 100 milhões de dólares em ações de empresas brasileiras.

Sob o ponto de vista da transferência de riquezas ao exterior - que é, com efeito, o que mais pesa -, a capitalização não representa uma solução, os rendimentos poderão ser enviados sob a forma de remessa de lucro (até 12% do capital segundo a lei atual). Não basta mudar a forma se o conteúdo espoliador do capital estrangeiro não se altera. A proposta do governo pode satisfazer à burguesia mas é contrária aos interesses do povo e da nação.

PLANO ECONÔMICO

Aos trabalhadores, nada

No recente encontro que manteve com a bancada do PMDB na Constituinte, o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, divulgou os fundamentos do seu plano econômico. A preocupação central é sobre como equacionar o problema do crescimento capitalista no país. Talvez seja a proposta mais ousada que a burguesia brasileira pode oferecer. Mas aos assalariados acena-se apenas com sacrifícios e risíveis migalhas.

Não há nada de muito novo na proposta. A meta básica, segundo o ministro, é garantir um crescimento de 7% ao ano no período compreendido entre 1987-1991, o que, segundo seu julgamento, impedirá o agravamento do desemprego e subemprego no país e ainda permitirá "reintegrar ao mercado formal de trabalho uma parte do expressivo desemprego estrutural e do subemprego".

FINANCIAMENTO

Para viabilizar a meta, conforme o documento

levado ao Congresso, "o nível de investimentos agregado terá de aumentar continuamente ao longo dos próximos anos", o que, entre outras coisas, exigiria uma renegociação da dívida, "principal fator limitativo das possibilidades de crescimento da economia brasileira".

O acerto com os banqueiros estrangeiros se daria da forma com que o governo vem tentando. Ou seja, prevê a redução das transferências de riquezas reais ao exterior a cerca de 2,5% do PIB ao ano (atualmente anda em torno de 4,5%) até 1991. Assim, seria possível diminuir - ainda que pouco - o esforço exportador para obter grandes superávits da balança comercial (de onde se extrai o dinheiro para pagar juros e outros lucros dos capitalistas estrangeiros). Neste ano, por exemplo, o saldo previsto é de 8 bilhões de dólares (a média anual desde 1984 situou-se em cerca de 12 bilhões de dólares).

A folga propiciada pela

ERRATA

Na última edição, a matéria "As tramóias do Citi" dá a entender, por erro de revisão, que José Loguércio é assessor da Junta Interven-

tora nomeada pelo governo para apurar as irregularidades praticadas na Cotrisa, com participação do Citibank. Na verdade, Loguér-

cio assessora a comissão de agricultores eleita para acompanhar os trabalhos da Junta.



No 80º aniversário, José Duarte recebe uma placa comemorativa das mãos de João Amazonas

HOMENAGEM

Perseverança comunista

O mais antigo comunista vivo em nosso país, o ferroviário José Duarte, foi homenageado no último dia 8 de abril, em São Paulo, no auditório Teotônio Vilela da Assembléia Legislativa, com um ato público, convocado pela direção nacional do Partido Comunista do Brasil, PC do B, pela passagem dos 80 anos de seu nascimento. Presentes vários membros da direção, representantes de entidades sindicais e de bairro, a comemoração foi aberta com um discurso emocionado do presidente nacional do PC do B, João Amazonas, que respondeu a uma questão muito própria para o evento: "Como se pode chegar a tal idade, sempre comunista?" Em seguida, destacou três condições necessárias para se garantir a cor

vermelha por tanto tempo: "Em primeiro lugar, a defesa intransigente da unidade partidária; em seguida, o estudo e a aplicação no dia-a-dia dos princípios da doutrina marxista-leninista, e por fim, a militância permanente em uma das organizações do Partido Comunista, partido de luta pelo fim da exploração do homem pelo homem". Amazonas realçou, na ocasião, a importância e a alegria de se poder festejar uma militância de tão longo tempo, são quase 63 anos de militância ininterrupta nas fileiras comunistas. "A vida de José Duarte se confunde com a própria história da classe operária, do PC do B e com boa parte da história de nossa pátria", lembrou Amazonas, fazendo um retrospecto dos momentos mais

significativos das lutas sociais no Brasil e a participação, sempre ativa, de José Duarte em todas elas.

Quase às lágrimas, José Duarte agradeceu os discursos que se seguiram à abertura e transferiu a homenagem para o Partido Comunista do Brasil, sua primeira família, reafirmando o juramento de que "enquanto tiver força para respirar, e a cabeça estiver funcionando, haveremos de continuar a luta por liberdade, democracia e bem-estar para o nosso povo". No final, foram lidos telegramas homenageando o aniversariante, vindos de quase todos os Estados e Territórios, de norte a sul do país.

PROVOCAÇÃO

Atacadas sedes do PC do B

Pelo menos três atos provocativos foram praticados contra sedes e dirigentes do Partido Comunista do Brasil nos últimos 10 dias, em diferentes pontos do país.

Dois deles ocorreram no Rio Grande do Sul. Às 9 horas do dia 1º um homem, aparentando 30 anos, entrou na sede do diretório regional do partido, no centro de Porto Alegre, declarando ser "de direita" e estar "à frente de um comando". afirmou que procurava armas soviéticas escondidas no local, logo corrigindo para "armas albanesas". Dirigiu-se à secretária e a um membro da Executiva Regional: "Vocês são da Guerrilha do Araguaia".

No dia seguinte o apartamento

do presidente regional do partido, Edson Silva, esteve para ser invadido. O apartamento do vizinho foi arrombado e vasculhado. Roupas foram espalhadas pelo quarto, jóias jogadas ao chão e nada foi levado, sequer dinheiro.

O terceiro atentado aconteceu no Rio de Janeiro. Na madrugada do dia 7 a sede regional do partido foi arrombada, gavetas e prateleiras foram remexidas e objetos atirados ao chão. Nada de valor foi levado por quem praticou a invasão, o que confirma o caráter político do ato.

SOLIDARIEDADE

No Rio Grande do Sul, os fatos alcançaram importante repercussão. O presidente do Movimento

de Justiça e Direitos Humanos, Agostinho Veit, anunciou sua solidariedade ao PC do B disse que "concordamos que estes fatos devem ser denunciados. Se houve invasão de sede de partido político que está funcionando legalmente, a situação é séria". Jair Kriskhke, conselheiro do movimento, também se solidarizou com o PC do B dizendo ser preciso alertar a população, pois "sabemos que as coisas começam assim". Em entrevista coletiva concedida na sede do movimento, Edson Silva relacionou os atentados com a ação da extrema-direita: "Estão procurando conturbar o clima político do país, num momento em que os trabalhadores exigem mudanças e em que se avoluma a crise econômica e política".

RUBENS PAIVA

Uma investigação suspeita

Elementar, meu caro leitor: o Comando Militar do Leste do Exército conclui que não tem como provar se o ex-deputado Rubens Paiva, morto sob tortura no DOI-CODI do Rio em janeiro de 1971, morreu de fato no quartel ou foi "resgatado por terroristas"...

A brilhante conclusão foi do general Adriano Pinheiro, encarregado do inquérito do Exército sobre o assunto, que ainda afirma que não pôde nem mesmo apurar se Paiva está "realmente morto", embora até a Rede Globo tenha mostrado os ossos do deputado sendo resgatados numa praia. O comandante do Leste,



Paiva, com Almino Afonso (esquerda), na Câmara

general Brum Negreiros, apoiou as conclusões do "Sherlock Holmes" fardado. Mas o promotor da 1ª Auditoria do Exército, Paulo César de Siqueira Castro, não gostou da piada: "São todos uns brincalhões", reagiu o promotor, ao receber as 332 páginas do insólito inquérito. Paulo César anunciou que apresentará testemunhas "que derru-

barão essa história do seqüestro por terroristas". Aliás, este era um dos artifícios que os militares torturadores utilizavam para se livrar dos corpos de opositores que morriam sob torturas: ou os opositores haviam sido "seqüestrados por terroristas" ou "atropelados por um caminhão" (tal o estado de seus restos mortais após os serviços) ou morriam

"num enfrentamento com os órgãos de segurança".

O sagaz investigador do Exército, general Pinheiro, não ouviu, no seu inquérito, sequer os cinco militares apontados há um mês pelo então procurador geral da Justiça Militar, Leite Chaves, como responsáveis pela prisão, tortura e assassinato de Paiva. Na verdade, o insigne oficial está mais para inspetor Closeau (personagem satírico dos filmes "A pantera cor-de-rosa") do que para Sherlock Holmes.

UNIÃO RESPONSABILIZADA

Finalmente, depois de 11 anos, a União foi responsabilizada pelo assassinato do operário Manoel Fiel Filho, no DOI-CODI, em São Paulo. O crime ocorreu em janeiro de 1976. Assim como Rubens Paiva, Manoel Fiel Filho foi seqüestrado por homens do Exército e torturado até a morte. No caso do operário, o corpo não sumiu, o que dificultou aos algozes alegarem que ele havia sido "seqüestrado por terroristas". Pelo contrário, Manoel foi apresentado morto em sua cela, onde teria cometido suicídio...

A viúva do operário, Thereza de Lourdes, entrou com ação na Justiça responsabilizando a União pelo assassinato, há mais de dez anos. O governo foi condenado em todas as instâncias, mas sempre recorria a um tribunal superior, o que só terminou no dia 7 último, com a sentença definitiva do Tribunal Federal de Recursos,

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Senador, mas de fato coronel

O coronel senador Jarbas Passarinho resolveu justificar, num artigo para a "Folha de S. Paulo" do último dia 29 de março, a intervenção das Forças Armadas na vida política. Como argumento ele diz que os comunistas têm a "tentação da conquista do poder pela violência" e por isto querem confinar os militares na tarefa de defender as fronteiras, ficando o caminho livre.

MONOPÓLIO DO PODER

Se fosse no quartel este arrazoado seria suficiente. Afinal ali os subordinados são obrigados a bater continência e aceitar o que afirmam os chefes. Mas com a luta aberta de idéias na sociedade as coisas ficam mais complicadas. As pessoas pensam e rejeitam as falsidades.

O coronel mesmo se trai durante o artigo. Lá pelas tantas ele mostra que a democracia tem que se defender e que, para garantir a todas as correntes a sua representação, parte do pressuposto de que "todas estas correntes aceitam a regra do jogo democrático, e este se baseia em dois princípios: eleições livres e rodízio no exercício do poder".

Mas, ilustre coronel e senador, por acaso as Forças Armadas respeitam estas normas? Quem, para ficarmos na história mais recente, impediu eleições livres durante 21 anos no Brasil? Quem exerceu o mais absoluto monopólio do poder durante este período, negando inclusive a outras correntes burguesas a possibilidade de rodízio no poder?

INTERESSE NA DEMOCRACIA

A teoria leninista, que o senador coronel tenta acusar de violadora das regras democráticas, para justificar a tutela das Forças Armadas sobre a sociedade, fundamenta-se na prática e não em "tentações". Os comunistas não têm nenhuma pretensão de golpe de Estado num país desprotegido, órfão dos generais.

A teoria leninista aponta que, diante do avanço das lutas sociais, diante da exigência de progresso social dos trabalhadores, a norma é a burguesia recorrer à violência - quebrando as regras do jogo democrático - para manter o domínio burguês. Nestas situações, a nova sociedade, superior, para nascer, é obrigada a enfrentar a violência reacionária. Neste sentido é que Marx, há cem anos atrás, com base na experiência das mudanças sociais durante séculos e séculos, apontou que, objetivamente, a violência é a parteira da história.

O povo, senhor coronel, é o maior interessado na democracia. Mesmo porque está desarmado e é a maioria. Se as coisas forem resolvidas democraticamente segundo a vontade da maioria, sem violência, as transformações sociais serão feitas sem maiores sacrifícios. Mas a burguesia, que está muito bem armada, sempre coloca o seu exército para defender seus privilégios às custas da exploração da grande massa.

CAI A MÁSCARA

A classe operária tem um projeto, socialista, para substituir o capitalismo. E, para isto, constitui seu partido político visando alcançar o poder e realizar seus anseios. O coronel Passarinho, de quebra, no seu artigo, pretende negar o direito de registro legal a esta organização. No fundo, atrás do pretenso teórico e do argumentador democrático, revela-se apenas mais um defensor da ditadura, saudosos dos tempos de Médiçis e de Figueiredo, onde quem contestava não o capitalismo mas uma simples ordem de um chefe de polícia qualquer, podia ser preso, torturado e assassinado. A democracia, mesmo raquítica como a nossa, tem suas vantagens: esta gente tem que botar para fora o que pensa. Isto ajuda a elevar o nível de consciência do povo.

(Rogério Lustosa)

DE OLHO NO LANCE

Pesadelo

O senador Roberto Campos, mais conhecido como *Bob Fields*, é inimigo declarado de qualquer iniciativa em favor da soberania nacional e anticomunista fervoroso. Para distilar seu reacionarismo, dedica-se atualmente a publicar no jornal "O Estado de S. Paulo" uma série de artigos com o título "Verbetes de um Dicionário". Na edição do último domingo ele inclui o verbo "moratória soberana", que ele diz ser "insolência em nome da independência".

Mas o ilustre serviçal dos banqueiros estrangeiros não se contenta com isto, aproveita para tentar desmoralizar a Albânia Socialista. Ele afirma que levar a suspensão do pagamento dos juros às últimas consequências levaria à ruptura com o sistema financeiro internacional e à transformação do país numa "Albaníndia".

A Albânia, apesar de ser um pequeno país, e de ter saído da Segunda Guerra Mundial - depois de invadida pela Itália e pela Alemanha - totalmente destruída economicamente, fez a revolução socialista, recuperou-se e hoje não deve um centavo a qualquer país, não tem inflação e não conhece o desemprego. Este sucesso do proletariado e do sistema socialista não deve deixar o senhor *Bob* dormir em paz.

De onde sai o trem para a estação Finlândia?

O marxismo está novamente em moda entre os intelectuais burgueses. Não que eles tenham aderido em massa às idéias de Marx, Engels e Lênin. Pelo contrário, o marxismo está colocado na ordem do dia pela voz de críticos como Marshall Berman, José Guilherme Merquior (*) ou Edmund Wilson, autor de *Rumo à Estação Finlândia* - há várias semanas no primeiro lugar entre os livros mais vendidos - um extenso estudo sobre o declínio da tradição intelectual iniciada pela Revolução Francesa, sobre as origens e ascensão da tradição revolucionária, cujos marcos também remontam àquele episódio. O interesse despertado por livros desse gênero, o espaço aberto nos grandes jornais e revistas, denunciam a importância que eles têm na batalha ideológica de nossos dias - que, como ocorre há mais de cem anos, tem no marxismo o alvo principal dos ataques.



Edmund Wilson, um ex-socialista americano, crítico literário de renome escreveu seu livro em 1940, numa época em que o nazifascismo aparecia como uma força que perduraria por muito tempo e a União Soviética, que enfrentava no território pátrio as tropas alemãs, mais numerosas e melhor equipadas, destacava-se entre os grandes dirigentes da luta mundial contra o totalitarismo e pelo avanço da democracia no mundo. O livro de Wilson é fruto dessa época, em que o sonho liberal - esfacelado pela barbárie fascista - encontrava alguma forma de amparo nos soldados dirigidos por Stálin. Nesse contexto, a crítica do marxismo deveria ser mais sofisticada, ao nível filosófico, abandonando os libelos grosseiros das décadas anteriores.

Há poucos anos, era corrente o anúncio da última morte do marxismo, na tese que proclamava sua crise final. Crise que, depois se viu, era na verdade do chamado eurocomunismo e de sua justificação teórica, o "marxismo ocidental". O marxismo, ao contrário, continua bem vivo e os marxistas atuam, no Brasil de hoje, à luz do dia, como há muito não podiam, perseguidos pelo terror fascista do regime dos generais. Tempos novos, olhos novos, portando. Se os estigmas tradicionais estão desmoralizados, é hora de colocá-los em segundo plano, sendo seu lugar ocupado por ideólogos mais capazes de combater o marxismo com o requinte exigido por tempos de debate aberto e franco. (Ver quadro abaixo).

Sob este aspecto, o livro de Wilson é exemplar. Ele "humaniza" os fundadores do marxismo, trata-os com aparente boa vontade, com a bonomia de adversários intelectuais. Edmund Wilson reconhece que "Marx e Engels - que assimilaram com extraordinária rapidez o pensamento social e histórico da época - elaboraram (...) uma teoria completa e coerente, que explicava mais mistérios do passado, simplificava mais complicações do presente e abria para o futuro um caminho aparentemente mais prático do que qualquer outra espécie jamais proposta".

Wilson tenta fazer de Marx um liberal

Esta teoria, entretanto, tinha falhas básicas, diz Wilson. O materialismo dialético - denominação cuja paternidade ele erroneamente atribui a Marx - não seria mais do que uma nova forma de religião secular, cujo evangelho seria a dialética, um mito religioso vinculado à história da humanidade. Mais do que isso, dedica-se a provar que Marx teria sido tão idealista quanto Hegel. A falsificação wilsoniana pretende que, para Marx, o capitalismo teria corrompido a espécie humana, "induzindo-a a abandonar seus valores espirituais, em troca da satisfação proporcionada pela posse das coisas", e o "espírito só voltaria a se afirmar (...) por meio do comunismo". Este misticismo do marxismo se revela também, diz ele, na teoria do valor do trabalho e da mais-valia, a cuja refutação dedica algumas páginas.

Wilson é um crítico sutil do marxismo. Ele pretende ligar Marx de alguma forma à tradição dos pensadores liberais, localizando aí o ponto de partida de onde sai o trem rumo à Estação Finlândia. (**) Esse é um

(*) Autores dos livros *Tudo que é sólido desmancha no ar* e *Marxismo Ocidental*, respectivamente.

(**) No título do livro, Wilson faz referência à viagem empreendida por Lênin do exílio até sua pátria, quando, então, lançou as famosas Teses de Abril.

aspecto do tratamento que dá às informações históricas - tratamento que ilustra a diferença entre o liberal e o marxista. Além desse aspecto, há outro que deve ser destacado: a tradição socialista se desenvolveu em oposição à dissolução da tradição ideológica burguesa e Wilson não foge dessa constatação. Ele descreve como a tradição da Revolução Francesa corrou-se até transformar-se em niilismo anti-social. Mostra a decadência dessa tradição, desde Michelet, o historiador da revolução que foi buscar em Vico a idéia da história como ciência cujo conteúdo era o progresso humano, a capacidade de autoaperfeiçoamento da humanidade.

Para Wilson, o marxismo não seria nada mais que uma variação extremada do liberalismo, enraizada nesta tradição. Seria uma "mistura do judaísmo tradicional, rousseauismo do século XVIII e utopismo do início do século XIX". Essa tentativa de confundir o marxismo com a linha evolutiva do pensamento burguês, transformando-o em um capítulo de uma evolução linear, já foi tentada antes - Bernstein e os revisionistas da II Internacional pretendiam enriquecer o pensamento de Marx com idéias kantianas, por exemplo. Mas Wilson se esforça por encontrar os elos que ligam Marx à tradição liberal. Ele era filho de uma família de rabinos, cujo pai foi um judeu convertido, "um livre pensador kantiano"; seu sogro, o barão Von Westphalen, "era também um produto da civilização do século XVIII", influenciado por Rousseau e Voltaire. Ali estavam, vê Wilson, as mãos que guiarão o jovem Marx à fonte do liberalismo.

Na tradição judaica, Marx teria buscado inspiração para definir o papel que atribui ao proletariado, um tipo de afirmação baseada no racismo dominante nos anos trinta e que está completamente ridicularizada pela ciência e pelo pensamento moderno - e, para

melhor desmentir Wilson, o marxismo teve um papel central na elucidação da falsidade das teorias racistas.

A outra fonte do marxismo, segundo Wilson, o utopismo do início do século XIX - o pensamento de homens como Saint Simon, Owen, Fourier - constitui sabidamente formas ideológicas e práticas da própria burguesia para resolver os graves problemas sociais provocados pelo desenvolvimento do capitalismo.

Os preconceitos subordinam as biografias

O erro fundamental de Edmund Wilson ao filiar o marxismo a essas fontes - ressaltando-se a grosseria de incluir a tradição judaica entre elas - é esquivar-se de reconhecer que se incorporou reconhecidamente parte do patrimônio intelectual legado pelas gerações anteriores, o marxismo significou também um rompimen-

to radical com a tradição dessas gerações, lançando bases novas para uma teoria que deveria guiar a ação revolucionária na luta pela derrubada do capitalismo e do domínio de todas as classes. A ligação do marxismo com o passado intelectual não se dá, portanto, através de uma linha evolutiva contínua; ao contrário, essa ligação é contraditória - dialética - ela incorpora e rompe, ao mesmo tempo.

Outro aspecto do tratamento de dados históricos por Edmund Wilson é o uso que faz da biografia dos autores. Aqui, o preconceito liberal se revela em sua nudez. Wilson deriva de episódios da vida dos autores o fundamento de muitas de suas idéias - muitas vezes elas surgem no mesmo como retaliações às adversidades da vida. Na tradição liberal, Marx teria aprendido o valor do individualismo, diz ele: "a ditadura das relações sociais era vista (pelo jovem Marx) como um impeditivo para a auto-realização individual". Daí sua luta para dissolver essas relações. De sua condição pessoal de judeu, Marx teria também,

conclui Wilson, derivado o papel que ele atribui ao proletariado na tarefa de transformar o mundo. Lênin, por seu lado, tornou-se um revolucionário para vingar a execução de seu irmão Alexandre pela justiça czarista e a educação luterana que recebeu na infância, teria sido de importância fundamental para explicar sua dedicação ao trabalho, seu espírito de disciplina mesmo o despreendimento pessoal com que tratava todas as questões.

O socialismo desenvolveu-se contra essa tradição. Ela própria radicalizou-se para a direita, para posições antidemocráticas e antipopulares, face ao desenvolvimento da teoria revolucionária do proletariado e mais ainda, quando guiados por essa teoria, os operários e camponeses da Rússia varreram o czarismo e lançaram os alicerces da primeira nação socialista.

O liberalismo de Wilson o impede entender Marx

Se Wilson relata com riqueza de detalhes essa luta ideológica, as limitações de seu pensamento liberal o impedem de compreender seu significado. Um único exemplo demonstra que ele não compreende a dialética marxista, tornando-o cego para seu valor como instrumento científico de análise da história. Ele afirma em seu livro, que Marx e Engels primeiramente elaboraram a teoria da luta de classes e em seguida foram em busca da base econômica que a fundamentasse, uma falsidade que só os mais grosseiros detratores do marxismo cometeram: ao contrário, a teoria marxista em seu conjunto é resultado do estudo detalhado e rigoroso de situações concretas. Foi esse estudo que levou os fundadores do socialismo científico a romperem com a tradição do pensamento burguês (a obra *A Ideologia Alemã* é, para muitos estudiosos do marxismo, o marco desse rompimento), a abandonarem a filosofia de Hegel e a recolocarem a dialética (que em Hegel estava de cabeça para baixo, na expressão de Marx) sobre suas bases reais. Só com o estudo concreto de situações concretas, é que Marx e Engels puderam entender que a dialética, longe da criação arbitrária de seus cérebros, era a expressão conceitual do movimento real, do movimento que existe no mundo objetivo, fora de nossas cabeças.

Essa compreensão, que deu ao materialismo uma expressão nova e profunda, longe das ingênuas formulações dos materialistas meramente deterministas anteriores, abriu uma etapa nova e revolucionária no conhecimento humano.

(José Carlos Ruy)

A luta atual do marxismo

Onze anos após as vitórias sobre a reação e o imperialismo, ao final da II Grande Guerra, o movimento operário e revolucionário entrou num período de dificuldades. Na história das lutas sociais, que não é uma seqüência ininterrupta de vitórias mas um processo extremamente contraditório com recuos temporários, as derrotas devem ser examinadas à luz da ciência de Marx e Engels a fim de reduzir seus efeitos e propiciar o novo auge revolucionário. Com o advento do revisionismo de direita, cuja essência é a defesa do capitalismo e o abandono da idéia da revolução e da via socialista, a partir da URSS, espalhou-se pelo mundo essa concepção que acabou atingindo quase todos os antigos partidos comunistas, transformando-os em organizações social-democratas. Aproveitando-se desta maré revisionista a burguesia tomou a ofensiva ideológica contra o comunismo. O ambiente de desânimo

diante da séria queda da fortaleza da revolução proletária na URSS, trouxe como consequência o desmorreamento ideológico. O oportunismo de direita e de "esquerda" proliferaram. Tanto os revisionistas como os doutrinadores de "esquerda", distorcendo os fundamentos da doutrina marxista-leninista e, como força de sustentação do capitalismo em decomposição, procuram minar a confiança das massas na sua capacidade de luta pela transformação revolucionária da sociedade.

No fundo, não obstante esse aparente antagonismo, as duas posições se encontram na mesma trincheira: renegam a concepção proletária do mundo. O fato é que o revisionismo e o imperialismo não conseguiram liquidar o movimento revolucionário. O socialismo resistiu e floresceu na Albânia, surgiram e se desenvolveram partidos marxistas-leninistas, apesar das dificuldades que há são poucas.

BAHIA

Alastra-se onda de greves

Uma onda de greves atingiu a Bahia nos últimos dias, mostrando o descontentamento das mais diversas categorias com seus baixos salários. Professores, médicos, comerciantes, químicos, metalúrgicos, trabalhadores da fábrica Coca-Cola e coqueiros cruzaram os braços exigindo aumentos salariais, entre outras reivindicações.

As greves deflagradas na Bahia mobilizaram cerca de 40 mil trabalhadores, cuja principal reivindicação é o reajuste nos salários. Algumas paralisações como a dos empregados da rede de Supermercados Paes Mendonça, uma das maiores do país, começou com a revolta dos trabalhadores e arrastou o Sindicato dos Comerciantes, dirigido por diretoria atrasada politicamente. Em três dias de paralisação os comerciantes conquistaram 100% de aumento salarial e o pagamento dos dias parados.

Até o fechamento desta edição continuavam com as atividades paralisadas os 360 médicos da prefeitura municipal de Salvador. Eles reivindicam equiparação salarial com os médicos do Inamps, o que daria aumentos de 110 a 150%. Os professores da Universidade Estadual da Bahia reivindicam pagamentos dos salários atrasados desde fevereiro. No dia 25 de março pararam 2.200



professores da Universidade Federal da Bahia, reivindicando a isonomia com as fundações (aumentos de 150 a 190%). Dois mil químicos da Tibrau, da Rhodia (no polo Petroquímico) e Tintas Rehner (no Centro Industrial de Aratu), exigem reposição de 10% e manutenção da assistência médica.

PROTESTO DOS MESTRES

No dia 30, os 7 mil professores da rede particular de ensino pararam suas atividades reivindicando 100% de reajuste salarial. Os proprietários de colégios ofereceram

83% e querem repassar o aumento para as mensalidades dos alunos, o que não é aceito pelos pais, que em assembleia decidiram só pagar os reajustes das mensalidades até 35%. Com o impasse os donos de escolas afirmam que vão cobrar o repasse, mesmo que para isso tenham que prejudicar os alunos.

Mais de 10 mil metalúrgicos entraram em greve dia 1º de abril reivindicando 100% de reajuste salarial e comissão de fábrica. Cinco dias depois de seu início o número de grevistas havia dobrado, paralisando 27 empre-

sas. Neste mesmo dia os professores municipais de Salvador deixaram vazias as salas de aula por causa dos salários que estão atrasados desde fevereiro e exigindo também piso salarial e plano de carreira.

Os trabalhadores da fábrica de refrigerantes Coca-Cola, em Salvador, cruzaram os braços pela primeira vez no dia 2 de abril, reivindicando 200% de aumento, mais estabilidade no emprego por um ano, 50% de insalubridade e periculosidade, piso de três salários mínimos. No quinto dia de greve 90% da produção diária (1.200 mil garrafas) deixou de sair da fábrica. Os 75 coqueiros do Cemitério Campo Santo paralisaram suas atividades no dia 1º exigindo um piso salarial de Cz\$ 4.220.

Outras greves podem estourar esta semana, como a dos comerciantes das grandes lojas de departamentos de Salvador e também do pequeno comércio, impulsionado pela greve vitoriosa de seus companheiros dos supermercados Paes Mendonça. Outra ameaça é a dos professores da rede pública estadual. Eles são 70 mil em todo o Estado e reivindicam um abono salarial e a regulamentação do estatuto do magistério.

(da sucursal)



Várias casas já foram construídas através de mutirão

Primeiras casas para ocupantes de terra

Os ocupantes de terrenos baldios da Zona Leste de São Paulo obtiveram sua primeira vitória importante desde o início da ocupação a 28 de fevereiro. O governador Orestes Quereia e o Secretário da Habitação, Adriano Murgel Branco, se reuniram com lideranças do movimento dos sem-terra e anunciaram que vão iniciar de imediato a constru-

ção de nove mil casas populares e alojar outras 11 mil famílias em terrenos do Estado ou que serão desapropriados. Este é o primeiro fruto da heróica resistência dos ocupantes, onde morreu o pedreiro Adão Manoel da Silva, baleado pela Guarda Metropolitana de Jânio Quadros. O assassinato, apesar de identificado por fotos e testemunhas, ainda não foi intimado a depor.

Centrais sindicais se reúnem com Sarney

Para os 19 itens da pauta de reivindicações elaborada pelos líderes das três centrais sindicais (CGT, CUT e USI) convidados para a feijoada com o presidente Sarney, na Granja do Torto, sábado retrasado, o governo deu apenas vagas respostas: Sobre o *gatilho salarial*, Sarney apenas garantiu que não será alterado enquanto se estiver discutindo a nova política salarial; sobre a *Reforma Agrária*, admitiu que realmente está se processando muito lentamente; *Garantia no emprego, punição aos grevistas* com base na atual lei de greve,

liberdade e autonomia sindicais, são questões que segundo o presidente serão remetidas para a Constituinte; já para a *jornada de 40 horas*, a resposta foi de que deverá ser negociada entre as partes. É significativo o fato de que o chefe do executivo tenha encarregado seu assessor para assuntos internacionais, embaixador Rúbens Ricupero, para encaminhar as reivindicações dos sindicalistas e inclusive a tarefa de marcar uma nova reunião. Para os representantes dos trabalhadores ficou a sensação de uma canal aberto ao diálogo. Nada mais.

Encontro Nacional da Mulher

Com a presença de 500 participantes, de vários estados do país, realizou-se de 3 a 5 de abril em Itajaí (SC), o Encontro Nacional de Mulheres Universitárias, promovido pelo Departamento Feminino da UNE. Entre as propostas aprovadas estão a revisão dos currículos escolares e dos livros didáticos, a luta por creches nas universidades, o apoio às organizações autônomas de mulheres para garantir os seus direitos na Constituinte. Segundo Jeanine Pires, diretora da

UNE que coordenou o evento, foi consenso a necessidade de aumentar a presença das mulheres nas entidades estudantis e no Congresso da UNE a se realizar em julho próximo. Dentre as debatedoras, a sexóloga Marta Suplicy, a presidenta da UNE, Gisela Mendonça, Jandira Feghali e Jussara Conv do PC do B, Clair Castilhos e Anita Pires do PMDB, Jô Moraes de BH e Ana Maria Rocha, diretora da revista "Presença da Mulher".

Prefeita de Fortaleza caloteia funcionários

A atual prefeita de Fortaleza (Ceará), Maria Luiza Fontenelle, do PT, está novamente sob fogo cerrado da população. Mesmo admitindo ter arrecadado 590,2 milhões de cruzados, destinou para pagamentos de compromissos com encargos financeiros da dívida da prefeitura (especialmente a contraída no BIC, de propriedade do coronel Aduauto Bezerra) 287,1 milhões! Isso

demonstra que a dirigente do executivo municipal priorizou o débito com os bancos em detrimento do que têm com o funcionalismo municipal, que desde setembro do ano passado não recebe seus vencimentos. Os funcionários em greve prepararam grandes manifestações mesmo depois da repressão que se abateu sobre eles na semana passada.

I Congresso dos Comerciantes Gaúchos

Tendo como principal preocupação o desemprego de praticamente 20% da categoria, quase 200 mil comerciantes neste ano reuniram-se de 3 a 5 de abril último, o I Congresso Estadual dos Trabalhadores no Comércio do Rio Grande do Sul. Com a presença de 416 delegados, representando 49 entidades de 126 municípios gaúchos, o encontro debateu a

grave crise por que passa o setor, a política econômica, salarial e sindicalismo. A categoria se pronunciou em oposição à conduta econômica do governo exigindo a efetiva suspensão do pagamento da dívida externa, assim como a reforma agrária, defendendo inclusive a criação da indústria química-farmacêutica estatal, entre outras reivindicações.

Mulher participará da direção da Fetag-BA

A nova diretoria da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado da Bahia (Fetag), a ser eleita em Congresso nos dias 25 e 26 de maio próximo, deverá ter uma mulher em sua composição. Esta, pelo menos, foi uma das decisões encaminhadas pelo I Congresso de Mulheres Trabalhadoras Rurais, com a participa-

ção de 2 mil mulheres no dia 8 de março, em Valente, município baiano situado a 236 quilômetros de Salvador, na região do sisal. Para a nova diretoria da Fetag, foi indicada Carmelice Sena de Santana, com quatro filhos e três netos, diretora do sindicato de Retiroflândia, sindicalizada há mais de 10 anos.

UAB de Caxias do Sul elege nova diretoria

No último dia 29 de março foram realizadas as eleições da União das Associações de Bairros (UAB) e de 69 associações de bairros de Caxias do Sul, RS. Mais de seis mil associados participaram do pleito. A chapa I, "União Comunitária" sagrou-se vencedora com 3.605 votos, contra a Chapa 2, "Renovação", que obteve 2.238. A Chapa vitoriosa,

composta por várias forças políticas tais como o PC do B, PT, PMDB, PCB e PDT se comprometeu a levar adiante o movimento comunitário e lutar conjuntamente em defesa dos interesses da população que representa, ao contrário da chapa adversária que pretendia atrelar a entidade ao poder público municipal.

Norguaçu maltrata trabalhadores

O Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Crato, no Ceará, está denunciando as péssimas condições de trabalho na Cerâmica Norguaçu, com cerca de 500 empregados. Ali os trabalhadores sofrem danos irreparáveis na sua saúde, como a paralisia facial e mutilações de órgãos, sem que seja pago a eles qualquer indenização. Outro

abuso é com relação ao horário de trabalho. Os operários são obrigados a fazer diariamente 4 horas-extras. Existem casos de se trabalhar 40 noites seguidas sem tirar folga. Numa cartilha distribuída pela Norguaçu, entre outras proibições, não se permite "formar grupos de palestras com qualquer finalidade nas dependências da empresa ou nas imediações".

Ceatru realiza seminário sindical no Pará

Cerca de 70 líderes sindicais do Pará participaram do seminário "Movimento e Luta Sindical", promovido pelo Ceatru (Centro de Estudos e Apoio ao Trabalhador Rural e Urbano), na ilha do Mosquito, próximo a Belém, dias 4 e 5 de abril. O advogado

trabalhista Paulo Fontelles; Ronald Freitas, da direção nacional do PC do B e Moacir Martins, presidente do Sindicato da Construção Civil e representante da CGT, foram alguns dos conferencistas.

ERRATA

Na edição de nº 306 a Tribuna Operária cometeu um erro. Na matéria sobre as eleições do Sindicato dos Bancários de Ribeirão Preto, na página seis, saiu que o novo presidente da entidade será João Bosco. Na verdade, este senhor é um candidato pelo PC do PDS a vereador, e

foi repudiado pela categoria. Sua chapa obteve apenas 125 votos. O novo presidente do sindicato, que encabeçou a chapa I e obteve 1.977 votos, é o sindicalista Arnaldo Bendito. A posse da diretoria eleita está marcada para o dia 10 de maio.

BANCÁRIOS

Uma paralisação que superou divisões

Foi uma grande batalha que teve como palco as ruas de quase todas as cidades do país. De um lado os banqueiros, donos de um poderoso império financeiro obtido às custas da espoliação do povo e da exploração da categoria bancária. Seus aliados: o governo, a grande imprensa e as forças repressivas. De outro lado os trabalhadores bancários vivendo com salários miseráveis (dois terços da categoria recebe menos de dois salários mínimos), lutando por melhorias salariais. Seu aliado: o povo brasileiro.

A categoria não obteve os resultados econômicos desejados com o movimento. Voltou para o trabalho revoltada. Teve, porém, importantes êxitos políticos e organizativos. Os bancários conseguiram mais uma vez superar as divisões existentes na cúpula do movimento (Contec, CGT e CUT) e realizar uma campanha nacional e unificada. A greve foi total, em que pese algumas vacilações nos primeiros dias, particularmente na capital de São Paulo, Rio e Porto Alegre (todos sindicatos ligados à CUT). Durou nove dias, ultrapassando de longe o tempo de duração das outras greves da categoria na história recente.

LUTA DE MASSA

Outro aspecto importante refere-se ao caráter de massas desta luta. São dezenas de milhares de agências bancárias espalhadas por todo o país e somente a mobilização efetiva dos bancários garantiu a paralisação efetiva de todas estas agências. Outro aspecto positivo diz respeito à elevação do nível de organização e consciência da categoria. Foram nove dias de intensa participação e discussão sobre questões políticas, sindicais etc.

A categoria setiu na pele a ação nefasta da imprensa burguesa (muitos achavam-na imparcial) e descobriu que ela está a serviço dos patrões. O governo, que já se encontra muito desgastado perante o povo, agiu de acordo com os interesses dos banqueiros, ameaçando e pressionando os bancários. Fica mais claro também o papel da Justiça e das forças policiais a favor dos patrões. O presidente do TST (Tribunal Superior do Trabalho) dizia, antes do julgamento, que a greve era ilegal.

O nível de consciência e de organização dos bancários deu um salto de qualidade nesses nove dias de movimento. Os banqueiros mostraram toda a sua intransigência, ganância e o desprezo que tem pelas necessidades dos trabalhadores. Os bancários voltaram ao trabalho com os bolsos vazios, mas com a dignidade elevada, conscientes de que formam uma categoria forte e agnerrida.

(Márcio Caiado, diretor do Sindicato dos Bancários de Campinas, SP)



Os bancários mostram uma grande união na greve nacional

Os últimos que retornaram ao trabalho

Os bancários baianos foram os últimos a retornarem ao trabalho durante a greve nacional, o que ocorreu somente no dia 6 de abril, após 12 dias de paralisação total dos bancos em mais de 200 cidades do Estado. Em Salvador, onde trabalham 17.500 bancários, a adesão foi de 100%. A volta ao trabalho foi decidida em assembleia realizada no domingo à noite, dia 5, após a negociação com os banqueiros, não estando descartada uma nova paralisação caso permaneça a intransigência patronal.

O secretário geral do Sindicato dos Bancários da Bahia Álvaro Gomes, atribui a alguns fatores o sucesso da greve baiana do ponto de vista de duração e adesão: a presença constante da diretoria do Sindicato junto às bases; a realização de assembleias dentro das agências; a determinação da diretoria na convocação do movimento e a situação de miséria em que vive a maioria dos bancários, revoltados com um salário de fome, hoje em torno de Cz\$ 3.280, depois dos gatilhos de janeiro e março.

"DEMITIU, PAROU"

Os bancários baianos voltaram ao trabalho com a disposição de: "demitiu parou" ou "descontou dias parados, parou". De acordo com Álvaro, a categoria tem plena consciência da sua força e conviveu durante os 12 dias de greve com uma enorme unidade que superou as manobras patronais. No dia 2 de abril os banqueiros deci-



O sindicato teve uma presença constante na paralisação

diram abrir alguns bancos que funcionaram precariamente, com gerentes e chefes trabalhando nos caixas, um vexame repetido no dia seguinte.

Além da intransigência, respaldada pelo governo que ameaçou "endurecer" e até intervir em sindicatos, os banqueiros usaram e abusaram da contra-informação em matérias pagas na imprensa. Anunciaram o fim da greve, visando confundir os bancários que não participavam das assembleias e tentando jogar a população contra os grevistas. Apesar disso, ainda na sexta-feira, dia 3, nos maiores bancos de Salvador a adesão à greve superava os 70%.

Álvaro Gomes destaca o apoio da população aos bancários grevistas, inclusive durante os piquetes, buzinando os carros e até fazendo pronunciamentos nos microfones dos carros de

som. Na quinta-feira foi a vez dos bancários retribuírem a solidariedade, incentivando os clientes a exigirem atendimento rápido nos caixas dos poucos bancos abertos, com os gerentes e chefes sendo instados pelos piqueteiros: "Trabalha rápido, caixa peru".

USO DA CRIATIVIDADE

Álvaro chama a atenção também para a criatividade dos bancários durante a paralisação. Músicas foram adaptadas ou criadas e no calor do movimento não faltaram danças inventadas, como no carnaval, a exemplo da "dança do piquete" e a "dança do peru". O sincretismo religioso baiano teve espaço e foram preparados "bozós" com dendê, farofa, cachaça e cachaca nas encruzilhadas da Zona Bancária no Comércio.

(da sucursal)



Um jornal mais vivo, amplo e atraente

Aos companheiros que fazem a **Tribuna Operária**:

Importante e oportuna a reformulação da **TO**, para atender as exigências do estágio atual da luta do povo. O jornal precisa tornar-se mais atraente, vivo, um real instrumento da classe operária e das massas trabalhadoras em sua luta contra a exploração capitalista. Deve ser um instrumento poderoso da "Unidade-Bandeira da Esperança". Vão aqui algumas idéias como contribuição à discussão:

1. O jornal precisa ter atrativos. Levar em conta o grande humor do nosso povo e o prazer e a capacidade que tem de satirizar, ridicularizar os seus exploradores. Que tal criarmos um personagem caricaturado, caracterizando o explorado consciente, combativo, vivo, sofrido, que não se dá nunca por vencido, com duas características marcantes: sagacidade e perspicácia. O mensageiro do povo oprimido, a alertar, sacudir, despertar esse povo para a luta, certo de uma vitória maior, de um novo amanhã. Este personagem, presente em todos os números, teria uma coluna no jornal ou seria protagonista de uma história em quadrinhos, despertando a expectativa do leitor no número seguinte e estabelecendo uma relação de amizade, de carinho e identificação com o personagem.

2. Precisamos urgente fazer uma grande campanha para a nova **TO**, bem bolada, criativa, ampla, com dois objetivos: finanças e sensibilização de segmentos mais progressistas dos intelectuais, artistas, políticos, operários, trabalhadores em geral para a necessidade de um jornal aberto ao movimento popular nesse momento de efervescência política e da elaboração da nova Constituição. Para fazer frente ao obscurantismo praticado pela imprensa burguesa, que impede o povo de acompanhar as discussões da Constituinte. Precisamos ampliar a rede de colaboradores do jornal. Fazê-lo perder a marca de jornal apenas do PC do B. Os novos tribuneiros não devem ser exclusivamente os militantes do partido (e geralmente os mesmos, nos casos dos mutirões). Precisamos promover

uma campanha que estimule segmentos progressistas e a própria classe operária desse Brasil a fora a colaborar com o jornal.

- poderíamos fazer contatos com artistas populares e promover alguns grandes shows em várias capitais, atraindo artistas defensores da liberdade.

- poderíamos fazer uma campanha junto a artistas plásticos para doação de obras que seriam leiloadas numa festa popular.

- pedágios, agitação nas portas de fábrica com caixinha de doações, bônus, das coisas simples as mais elaboradas - o negócio é causar impacto e sensibilização.

3. É preciso que a equipe responsável pelo jornal tenha controle das vendas e de sua qualidade em todos os Estados. Temos hoje um jornal razoável, em processo contínuo de aperfeiçoamento, e que poderia jogar um papel bem mais importante na luta do povo, na formação de opinião pública em torno de seu conteúdo revolucionário, e no entanto permitimos deixar amontoados numa sala centenas de exemplares que não foram postos à venda. Proponho:

- Cada Estado deveria enviar mapeamento das principais indústrias, empresas, escolas, universidades ou faculdades, bairros operários, etc. para a equipe que elabora o jornal em S. Paulo;

- Cada Estado deveria definir o número de jornais a serem vendidos em cada área das acima mencionadas;

- Cada Estado deveria enviar obrigatoriamente relatório mensal (em formulário padronizado) das vendas por local;

- Garantir a distribuição do jornal nas bancas de revista, pelo menos nos pontos mais importantes;

- Cada Estado deve ter um jornalista ou estudante de jornalismo responsável pela cobertura de todas as lutas ou eventos. Não é a negação do princípio de que todo militante deve contribuir, porém precisamos de um mecanismo que garanta o envio de todas as notícias importantes.

Estão aí, companheiros, algumas idéias matutadas para serem apreciadas. (Ana Maria Magalhães - Recife)

Por palavras mais simples

Companheiros da **Tribuna**,

Sou motorista de táxi. Quanto à contribuição ao novo jornal que vai substituir a **TO**, penso em pedir que usem mais palavras populares para explicar um texto. A palavra **afã**, que aparece no texto de uma reportagem sobre remédios,

me obrigou a comprar um dicionário, pois precisava explicar a outras pessoas o que se passava e essa palavra interrompia o raciocínio. No mais, achei muito importante a opinião do grupo de Campinas (SP).

(Ernânio - Altamira - PA)

As páginas da **TO** continuam abertas ao debate sobre a reformulação do jornal. Nesta edição, publicamos mais quatro contribuições dos leitores sobre o assunto. Leia também a denúncia de uma leitora do Pará sobre ingerências americanas na Amazônia.



Leitura de boa qualidade num suplemento cultural

Senhores redatores, Sou leitora assinante da **Tribuna Operária**, amazonense e advogada, residindo em Manaus.

Acho a idéia de mudar o nome do jornal excelente. Não concordo porém com o nome "Nova Tribuna", cheira ao ranço das coisas que se fazem neste país com a intenção de vestir roupagem nova na mesmice que continua. Parece-me que o nome **Tribuna da Luta Comunista** seria mais apropriado, uma vez que há muito o comunismo passou a ser motivo de luta de intelectuais, artistas, profissionais liberais, agricultores e outras classes trabalhadoras além do operariado. E até porque está na hora de assu-

mirmos idéias. Alegro-me a perspectiva de termos um jornal com penetração mais ampla, mais aberto a participação dos leitores e colaboradores, portanto mais identificado com a realidade brasileira. Porém é importante que pensemos também no nível cultural dos comunistas brasileiros. Seria bom que a **Tribuna** pudesse manter uma página semanal ou mesmo um suplemento de cultura mensal, oferecendo leitura de boa qualidade, além de gravuras originais ou reproduzidas. Isso ajudaria muito os companheiros que, sem poder aquisitivo, nem sempre têm acesso aos livros.

Continuemos nossa luta por um mundo melhor. (Maria Manuela - Manaus)

Uma seção regular sobre cultura científica

Companheiros;

A propósito do debate acerca do novo **Tribuna**, escrevo para fazer uma pequena sugestão.

Penso que no novo jornal deve haver uma seção regular sobre Ciência, Cultura Científica em geral.

São imensos e plenos de implicações econômicas, culturais, sociais e morais os avanços verificados nas descobertas científicas. Cito, entre outros, os avanços da engenharia genética, a conquista do espaço, as descobertas recentes acerca da origem do homem... São temas já presentes no cotidiano das pessoas, haja visto a frequência com que são tratados na TV - **Fantástico, Globo Rural, Globo Ciência** e muitos outros - e mesmo na imprensa escrita burguesa - com seções regulares em todos os jornais e revistas. Penso que tratar desses temas em nosso jornal é um ótimo estímulo para desenvolver uma visão materia-

lista do mundo, evidenciar as profundas e insuperáveis contradições do capitalismo, o avanço que poderá representar o socialismo no Brasil e no mundo. Além disso, mostrará a importância de **sermos homens e mulheres de cultura, com sede de saber, tão cara à prática e tradição marxista.**

Tal seção deveria ser direta e acessível, tratando com estilo popular as descobertas científicas, desmascarando as teses e práticas burguesas a elas relacionadas. Poderia estar contida sob a forma **Você sabia?**, tão tradicional na nossa cultura. Evidentemente, tal seção presta-se maravilhosamente à contribuição de tantos e tantos cientistas, pesquisadores, acadêmicos, ampliando assim o círculo de relacionamento do jornal.

Desejo pleno êxito aos companheiros do velho e sempre novo **TO**. (Sara Sorrentino e Walter Sorrentino, São Paulo, SP)

Técnicos americanos vasculham a Amazônia

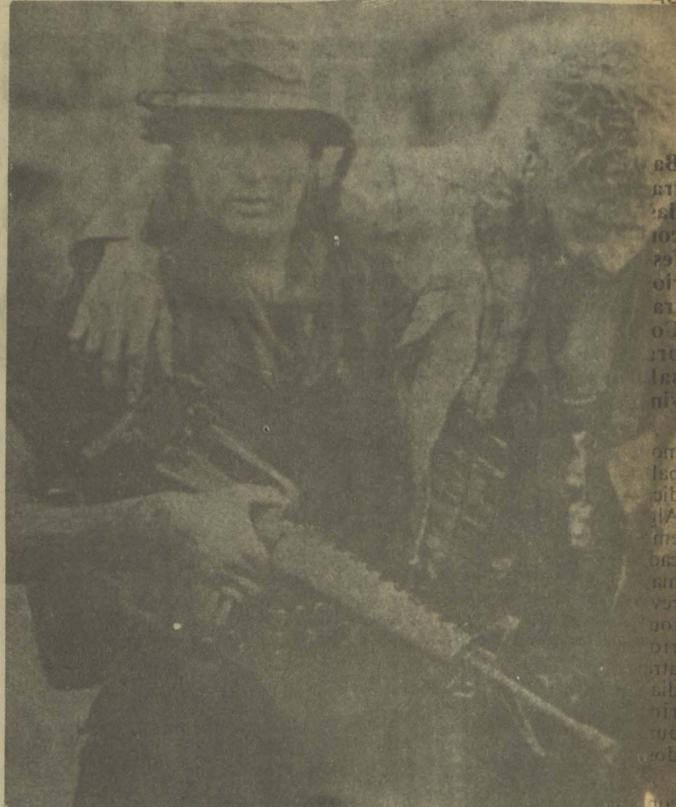
Finalmente, que medidas serão tomadas para garantir a Amazônia do Brasil?

Estamos sabendo que no km. 50 da rodovia Altamira - Itaituba está sendo executado um projeto de pesquisa de biomassa, totalmente financiado pelos Estados Unidos. Segundo consta, o objetivo é saber a influência das queimadas no clima mundial. Será mesmo?

Dizem que o projeto ainda não está aprovado pelo Brasil, porém já está em fase de execução, e com todos os custos garantidos: carro, pagamento de servi-

ços prestados etc. O órgão que atua junto aos pesquisadores deste projeto é o INPA (Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia). Devemos ressaltar que o presidente do INPA é estrangeiro, e todos os altos cargos deste órgão são também ocupados por estrangeiros.

Os engenheiros brasileiros (cargos inferiores) estão coletando os dados para os seus chefes. Podemos dizer que os brasileiros dão a "mão-de-obra" e os americanos, o cérebro. (Tribuneira de Altamira - PA)



Os soldados americanos: "vivendo sem razão e morrendo pela pátria".

"Platoon": denúncia das misérias da guerra imperialista

Estreou no Brasil o filme de Oliver Stone, "Platoon", vencedor de quatro Oscars. Para alguns comentaristas da grande imprensa, apenas mais um filme de guerra, bem feito como em geral são os filmes americanos, mais uma clichê de tudo o que já se produziu sobre a guerra em geral e sobre a do Vietnã em particular. É apenas meia verdade. Afinal, como fazer um filme de guerra sem as clássicas cenas de combates, sem os dramas dos soldados nos acampamentos? Como mostrar a guerra diferente do que ela verdadeiramente é plasticamente?

Mas "Platoon" é muito mais que isso. Não é à toa que o roteirista e diretor Oliver Stone vem lutando desde que retornou do Vietnã para levar à tela o roteiro que escreveu naquela época e só agora transformou em filme. "Platoon" mantém a estrutura tradicional do filme de guerra, mas inverte o papel dos personagens.

O típico contraste bem/mal também está presente em "Platoon". A novidade é que desta vez os maus são os americanos e não os "amarelos", como vemos diariamente na televisão. São mostradas as atrocidades cometidas pelos soldados contra os camponeses e o acobertamento destas pelos oficiais. Não houve sequer a concessão de mostrar vietnamitas torturando americanos, como ocorreu em "O Franco Atirador", aquela velha história de que "o outro lado também tem sua culpa", usada como atenuante dos crimes de guerra norte-americanos. Os verdadeiros heróis são os combatentes vietnamitas, apresentados como corajosos, criativos e altamente capazes na arte da guerra. Que outro filme americano deixou de mostrar os inimigos asiáticos como sanguinários, ignorantes, inferiores animalizados? Talvez existam alguns, certamente são bem poucos. A seqüência final, que culmina com a derrota do pelotão (*Platoon*) não poderia ser mais honesta. Os vietnamitas, após minucioso mapeamento, destroem uma a uma as trincheiras e fortificações americanas, cercam e aniquilam o pelotão. Mostra claramente que toda a sofisticada tecnologia militar, dos helicópteros ao bombardeio com "napalm", foi impotente contra a bravura, a competência e o idealismo dos vietnamitas.

Outro clichê dos filmes americanos, segundo o qual seus homens são "os corajosos soldados da liberdade" em defesa da civilização oci-



Lutando sem saber por quê.

dental e cristã contra os bárbaros asiáticos, também é desfeito em "Platoon". O rico e intelectualizado recruta, o único voluntário do pelotão, descobre o inverso desde o primeiro dia de combate. Não existe qualquer motivação filosófica, política ou moral pela qual lutassem. Todos lutam apenas pela sobrevivência diária, drogam-se para vencer o medo e a solidão, preocupam-se apenas com a data em que darão baixa e retornarão à sua terra. Alguns psicopatas dão vazão a seu sadismo, aproveitando-se da guerra para assassinar por puro prazer. "Vivendo sem razão e morrendo pela pátria", vão matando por matar até acabarem assassinando seus próprios companheiros. E tudo se passa sob o nariz dos oficiais incompetentes, indiferentes à sorte de seus homens, personagens menores em toda a trama.

O filme mostra e discute de uma maneira quase didática a constituição social dos exércitos burgueses e o papel reservado aos pobres pelo imperialismo norte-americano: morrer sem saber por que nas selvas de um país distante. E uma boa advertência aos negros e operários americanos contra a repetição desta aventura na América Central, pretendida por Reagan.

Da primeira à última cena o filme é o retrato de uma derrota, sem heróis, honra ou glória. Abon causas são evidentes nas imagens. Poderia ser mais profundo e mais político? Talvez. Mas Oliver Stone parece ter optado por uma linguagem que todo americano conhece e entende. Fez um filme de guerra parecido com tantos outros, para contar a verdade sobre os horrores que presenciou e viveu no Vietnã. Cumpru seu objetivo. (José Augusto Moche)

Advertisement for Tribuna Operária with contact information for various branches:
Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista - São Paulo - CEP 01318.
Itabuna: Av. do Cinqüentenário, 928, 1º andar sala 1 - Centro - CEP 45600.
GOIÁS - Goiânia: R. 3, Nº 380, casa 6 - Centro - CEP 74000.
MARANHÃO - São Luís: R. do Egito, 76 - Centro - CEP 65000.
MATO GROSSO - Curitiba: R. Comandador Fontana, 88, Fone: 251-7961 - CEP 80000.
PIAUÍ - Teresina: R. Desembargador Freitas, 1.459 - Fone: 222-2044 - CEP 64.000.
PERNAMBUCO - Cabo de Santo Agostinho: R. Dantas Barreto, 236, CEP 54500.
RIO GRANDE DO SUL - Porto Alegre: R. Vigário José Inácio, 687 - CEP 90000.
SANTA CATARINA - Florianópolis: Praça XV de Novembro, 221, Boa Vista - CEP 50000.
SÃO PAULO - Americana: Av. Dr. Antônio Lobo, 281, sala 6 - CEP 13470.
Maringá: R. Dom Pedro, 180 - CEP 17500.
Osasco: R. Ten. Avelar Pires de Azevedo, 26, 2º andar, sala 12 - CEP 06000.
Taubaté: R. Anísio Ortiz Monteiro, 41 - CEP 12100.
SERGIPE - Aracaju: Av. Rio Branco, Edifício Ovidio Teixeira, sala 1220 - CEP 49000.
A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Mídia Gráfica Ltda. - Companhia Paulista e Foliote - Lítarrie Fotolitos Ltda. Fone: 35.9738 - Impressão: Cia Jorúas, Fone: 85-4999 - São Paulo - S.P.

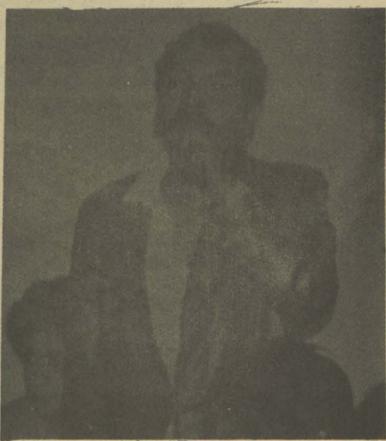
Chapa nasce das bases metalúrgicas

Na disputa sucessória do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, com eleições previstas para meados do ano, um fato novo causa impacto. É que uma das chapas está sendo formada pela base, a partir dos organismos de luta dos operários no interior das empresas. Tendo à frente a Comissão de Fábrica da Ford do Ipiranga e onze membros dissidentes da atual diretoria da entidade, a articulação tem inclusive rompido os esquemas tradicionais de alianças estabelecidos pelas centrais sindicais.

No último dia 4, num encontro que reuniu ativistas de 87 importantes fábricas da capital paulista, foi deflagrado oficialmente o processo de formação desta chapa. Conforme o aprovado, ela será composta pelas lideranças reconhecidas das grandes empresas, tendo como alicerce os organismos de base criados nos últimos anos - comissões de fábrica, Cipas atuantes e grupos de empresa ainda não reconhecidos pelos patrões.

Segundo Aurélio Peres, ex-deputado federal do PC do B e respeitada liderança da categoria, a chapa nasce "rompendo o cupulismo que caracteriza o processo eleitoral no sindicalismo brasileiro". A idéia é construí-la a partir de um amplo e democrático debate nas empresas. O seu programa será discutido e aprovado no próximo dia 12, numa grande convenção na sede-escola do sindicato. Caso o edital da eleição tenha sido publicado, a convenção também elegerá os 105 integrantes da chapa.

A proposta de formar uma chapa a partir do que há de mais avançado na



Vital criticou a direção sindical na reunião das 87 fábricas, que foi coordenada por Lúcio da Ford

categoria é antiga. Há alguns meses ela vem atraindo diversas lideranças de fábricas e os diretores mais atuantes da atual gestão do sindicato. Num primeiro momento, a proposta esbarrou nas alianças fixadas pelas centrais sindicais. Dirigentes de comissões de fábrica vinculados à CUT temiam romper a unidade de sua central; o mesmo ocorria com alguns ativistas da CUT. Mas, com a ampla divulgação da proposta, que ganhou a simpatia dos trabalhadores, este obstáculo foi superado.

Na Ford Ipiranga, por exemplo, a coordenação da Comissão de Fábrica colocou a idéia para discussão no coletivo. Na semana passada, numa assembleia com 1.500 operários do turno do dia, ela foi aprovada por unanimidade e a comissão foi autorizada a encabeçar o processo de formação desta chapa. A idéia também encontrou receptividade em outras empresas organizadas, como

na Mapri, Mafersa, Colúmbia, Aliperti.

"A base avançou e quer democratizar o seu sindicato"

Para Lúcio Bellentani, coordenador da Comissão de Fábrica da Ford e membro da direção nacional da CUT, esta articulação é um anseio da base metalúrgica. "Os trabalhadores querem democratizar o seu sindicato, a começar pelas eleições sindicais", comenta. Segundo sua avaliação, a categoria avançou na sua organização nos últimos anos e exige um sindicalismo com mais representatividade, democrático. "Com o processo de democratização do país e as centenas

de greves feitas por nós, cresceu o número de organismos nas fábricas. Estes são mais exigentes, não aceitam o cupulismo. Desejam um sindicato de luta, voltado para a organização no interior das fábricas", afirma Lúcio.

O sindicalista, que é visto como prático e encaixado desta chapa, entende que a direção do sindicato não tem correspondido mais ao crescimento das lutas da categoria. "Não se pode negar que houve uma melhora da ação sindical nesta gestão. Principalmente os novos diretores se atiraram no trabalho de mobilização da base, encamparam suas lutas. Mas a parcela mais apelegada continua com suas posições imobilistas". Para ele, isto explica o anseio das bases organizadas da categoria por uma renovação na diretoria. "A base quer que o sindicato avance mais".

"Uma parcela da diretoria tenta conter as lutas"

Eustáquio Vital, que é integrante da atual diretoria, concorda com a avaliação da liderança da Ford. Ele e mais 10 diretores romperam recentemente com o setor atrasado da diretoria e são considerados dissidentes. Para ele, "a turma do Luis Antônio, preocupada com avanço da categoria, vem cada vez mais caindo para posições de direita, de atraso. O apoio do atual presidente do sindicato ao patrão Antônio Ermírio em 15 de novembro foi apenas um sintoma desta direitização e oportunismo".

Após vivenciar as acirradas disputas no interior da diretoria, Vital acha que "não há mais espaço para nossa atuação nesta composição de forças atual". Prova disso, segundo ele, foi a recente conduta de Luis Antônio nas discussões do nosso estatuto do sindicato. O presidente em exercício simplesmente se negou a reconhecer as deliberações de uma assembleia com cerca de 2 mil metalúrgicos, realizada no último dia 20. Nela os trabalhadores sugeriram a ampliação da diretoria, de 24 para 105

membros, para facilitar o contato com as fábricas. Também defenderam a democratização do processo eleitoral, com a formação de uma comissão paritária para comandar o pleito. "Numa posição autoritária, o Luis Antônio recusou-se a participar da assembleia, chamou a polícia e fugiu".

Vital também explica algumas das posições atrasadas do setor da diretoria liderado por Luis Antônio. "Nos últimos tempos esse setor vem se desmascarando. Ele na prática é contra a unidade da categoria, vive estimulando as divergências existentes entre as várias correntes que atuam no sindicato. Atuando de forma autoritária, não permite que estas tendências se manifestem livremente e é contra qualquer unidade na luta. Além disso, esse setor procura sempre isolar as greves que nascem nas fábricas. Ele também joga contra a organização dos trabalhadores nas empresas, porque teme perder o controle da máquina sindical".

O programa da chapa de oposição será aprovado em convenção, mas alguns princípios já são consensuais. A articulação pretende defender a mais ampla democracia sindical, "porque só através dela se forja a verdadeira unidade na base". Também dará ênfase à organização dos trabalhadores nos seus locais de trabalho. "Para nós, as comissões de fábrica representam o novo sindicalismo. Um sindicalismo de massas, democrático", afirma Lúcio. Quanto às centrais sindicais, a articulação deverá estimular um amplo debate na base para que os trabalhadores definam democraticamente qual a posição do sindicato com relação a elas.

Eleição gera grande polêmica na CUT

A eleição no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo tem gerado grande divisão na CUT. Até agora a sua Executiva Nacional não se posicionou sobre as chapas em formação. Um setor, com maior respaldo sindical, tende a apoiar a chapa das comissões de fábrica. Mas um outro, composto por vários grupos "esquerdistas", já optou por trabalhar pela chapa do chamado Movimento de Oposição Sindical Metalúrgica (Mosmps).

Este racha reflete uma antiga briga existente no seio da central petista, que ficou mais transparente no seu último congresso nacional, em agosto passado. Nele algumas correntes taxaram Jair Meneghelli, presidente da CUT, de pelego e traidor. Enquanto estas correntes pretendiam partidizar ainda mais a central sindical, transformando-a inclusive "num instrumento para o poder socialista", o setor comandado por Meneghelli se esforçava para conter o avanço destes grupos, chamados de "xiitas".

Com a eleição no mais importante sindicato do país, esta divisão tende a se aguçar. Inclusive porque na base metalúrgica a CUT já rachou. Lúcio Bellentani, coordenador da Comissão de Fábrica da Ford e membro da direção nacional da CUT, é um dos principais articuladores de uma chapa ampla, que se forma acima das divergências partidárias e das disputas entre as centrais (CGT-CUT). Já o Mosmps articula uma chapa "pura", reunindo várias tendências que se dizem cutistas, mas rejeitam as orientações da Executiva Nacional da CUT.

REDUZIR O ESPAÇO

Para Lúcio, "a situação da CUT é delicada". Ele acha que uma chapa formada a partir dos organismos de fábrica é que melhor corresponde ao anseio dos metalúrgicos. Conforme explica, esta articulação reúne lideranças do PC do B, PDT, setores do PCB e militantes da CUT. "Mas o que nos uniu foi a proposta de formar uma chapa pela base, que

congregue as lideranças combativas e reconhecidas das fábricas", completa.

O coordenador da Comissão de Fábrica da Ford também deixa claro suas divergências com o Mosmps. "A direção da CUT não pode admitir que o sectarismo de determinados grupos ganhe corpo no seu interior. O que o pessoal do Mosmps quer é partidizar a CUT, transformá-la numa máquina de grupos políticos". Segundo explica, "essa turma critica o peleguismo, mas na prática adota uma postura paralela".

Pedro Pereira do Nascimento, o conhecido **Pereirinha**, coordenador da Comissão de Fábrica da Grampos Aço, vai mais longe nas críticas "aos sectários da CUT". Dizendo-se "cutista até a morte", acha que a central deve amadurecer seus pontos de vista e não permitir mais que "algumas correntes tentem transformar a CUT num partido". Para ele, muitos dirigentes cutistas apoiarão a chapa das comissões de fábricas.

"Solte a Voz", algo de novo nas artes

Uma verdadeira maratona artística aconteceu na festa de lançamento do movimento cultural "Solte a Voz", dia 6, no Circo Voador, Rio de Janeiro. Mesmo num dia chuvoso, mais de 100 artistas, entre profissionais e amadores, compareceram e participaram dessa nova proposta de resistência da cultura popular.

Teve de tudo. Barracas com artesanato do Norte (Amapá) e Nordeste, comidas nordestinas, exposição de vídeos, artes plásticas (com a participação do público), poesias, danças folclóricas, teatro e música. A parte musical teve início com a apresentação de um grupo de universitários do Amapá (que faz residência na Universidade Rural do Rio), e, a partir daí, não parou mais. Com sua velha categoria, Moreira da Silva deu o seu recado. Depois vieram, entre outros, Clara Sandroni, Tati Fisher, o grupo "Por todo canto", Paula Madureira e um grupo de pagodeiros, Ivone Torres (autora do hino do "Solte a Voz"), Rosinha de Valença, o grupo "Garganta profunda", Geraldo Azevedo e Carlos Lyra.

GRANDE EXPECTATIVA

Para Geraldo Azevedo, que cantou sucessos como "Caravana", "Taxi lunar", "Canção da Partida" e "Bonita Demais", esse movimento cultural gera uma grande expectativa quanto aos novos rumos da política cultural a ser desenvolvida no país. Acha que, com o apoio da deputada estadual Jandira Feghali, o movimento com os artistas, de um modo geral, poderá cumprir um papel importante na defesa dos valores culturais e artísticos.

Para ele, "a arte é uma forma de resistência", e é assim que vê, por exemplo, a questão do disco independente, onde vários artistas (seu último LP também é independente), como Antônio Adolfo, Xangai e outros, dão uma importante contribuição na busca de uma saída libertadora para a música popular: "São os artistas se aliando com o propósito de levar a arte pura e genuína, sem sofrer os desvios da influência alienígena", afirmou.

LIBERDADE DE EXPRESSÃO

O movimento "Solte a Voz" reflete a preocupação dos artistas com a neces-

sidade de levar a arte e a cultura a todos os cantos, em especial no Rio, visando a conquista da verdadeira liberdade de expressão, combatendo a dominação estrangeira, traçando uma política cultural.

Tendo em Jandira Feghali, através de seu mandato, um instrumento importante nessa luta, os artistas, em especial o cantor e compositor Carlos Lyra, um dos idealizadores do projeto, pretendem despertar nos bairros, favelas, escolas e universidades, a discussão cultural organizada.

"Somos rebeldes, na medida em que a rebeldia permite não aceitar o imposto pela dominação, principalmente estrangeira; não aceita a censura, a tutela e o cerceamento da liberdade; não aceita se traçar 'política cultural' sem ouvir a sociedade civil", afirma a deputada Jandira Feghali. O movimento "Solte a Voz" é coordenado por Rijarda Aristóteles, Jandira, Carlos Lyra, Mário Lago Filho, Lauro Goes, Sérgio Sá, Tete Aragão, Ivone Torres, Mayrink e Mauro Arantes. (da sucursal)

